

# O pensamento das moscas e o Júpiter para os kayapó: refletindo sobre narrativas e as interações entre humanos e mais-que-humanos nas redes sociais

Michelly Silva Machado (UFPA-MPEG)\*

<https://orcid.org/0000-0002-1607-4368>

## Resumo:

Pensando sobre os meios de comunicação indígena nas plataformas sociais (Facebook), neste artigo estudo duas narrativas que versam sobre as interações entre humanos e mais-que-humanos em dois textos publicados por um locutor Kayapó, Okreãjti Metuktire<sup>1</sup>. O primeiro *post*, *O pensamento das moscas*, é apresentado em forma de diálogo e o segundo, *O Júpiter para os Kaiapó*, narra uma mitologia contada por antepassados Kayapó. Essa pesquisa faz parte de uma etnografia digital em que estudo os universos textuais Kayapó produzidos por falantes bilíngues (Mebêngôkre-Português) nas redes sociais. O que me chama à atenção nessas postagens são as formas como as interações entre as multiespécies têm alcançado às plataformas virtuais através de mediadores/lideranças indígenas, que usam seus perfis públicos para falar sobre as histórias de seu povo, combinando suas narrativas às ações políticas indígenas a partir de diferentes sujeitos discursivos.

**Palavras-chave:** Narrativas Kayapó; Multiespécies; Interações; Redes sociais.

## Abstract:

### The thought of flies and the Jupiter for the Kayapó: reflecting on narratives and interactions between humans and more-than-humans in cyberspace

Thinking about the indigenous media on social platforms (Facebook), in this article I study two narratives that deal with the interactions between humans and more-than-humans in two Kayapó texts, Okreãjti Metuktire. The first post, *The thought of flies*, is presented in the form of dialogue and the second, *Jupiter for the Kaiapó*, narrates a mythology told by Kayapó an-

\* Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES. Mestranda em Diversidade Sociocultural pelo Museu Emílio Goeldi (MPEG). Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2150009973641188>. E-mail: [mih.machado02@gmail.com](mailto:mih.machado02@gmail.com)

1 Agradeço ao escritor Okreãjti Metuktire por compartilhar e permitir as análises de seus textos disponíveis no Facebook, o que possibilitou a realização deste estudo.

cestors. This research is part of a digital ethnography in which I study the Kayapó textual universes produced by bilingual speakers (Mebêngôkre-Portuguese) in social platforms. What catches my attention in these posts are the ways in which interactions between multispecies have reached virtual platforms through Kayapó mediators/leaderships, who use their public profiles to talk about the stories of their people, combining their narratives with indigenous political actions from different discursive subjects.

**Keywords:** Kayapó Narratives; Multispecies; Interactions; Social media.

## Introdução

No campo de estudos da enunciação existem várias formas de conceber a linguagem: como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma ou processo de interação (CUNHA, 2007). O conceito mais contemporâneo dedica-se à linguagem como uma atividade de inter (ação), cujos participantes se comportam conforme as ações e intenções dos mesmos no ato comunicativo. Apesar de esse ser um campo amplo de análises, normalmente, seus estudos concentram-se nas manifestações da linguagem verbal e não verbal humana.

Neste trabalho, utilizo a concepção da linguagem enquanto inter(ação), ampliando seus debates para entender as experiências/interações do ser humano e dos mais-que-humanos (não humanos) em suas diversas formas de se relacionar com o mundo. Tomo como ponto de análise as narrativas indígenas, em especial Kayapó<sup>2</sup>, conforme as pos-

sibilidades de interfaces entre a antropologia linguística e a etnologia indígena. Sendo assim, considero a interação ou o encontro entre as multiespécies um campo amplo de experiências possíveis a partir das ações e a autonomia dos diferentes sujeitos (humanos e não-humanos) que executam ações conforme as suas necessidades adaptativas, de sobrevivência e de recriação.

Nas análises sobre as produções discursivas e/ou narrativas Kayapó trato de uma antropologia linguística para além do humano, a partir de histórias não-ocidentais que descrevem, de certa forma, interações e encontros entre os seres que habitam o mundo. Apesar de minha ênfase recair sobre as agências dos povos originários, reconheço que estas ações não são únicas ou exclusivas da espécie humana<sup>3</sup>, mas das multiespécies (LIMA, 1999; TSING, 2018).

O conceito de agência linguística, aqui apresentado, foi inspirado na obra *Agency in Language* do antropólogo linguista Alessandro Duranti. Para o autor (2004, p.452), “a agência é encenada e representada na (e

2 Os Kayapó são povos originários da região do Cerrado, passaram por longas diásporas, estabelecendo-se nos estados do Mato Grosso e Pará. Conforme Salanova (2001, p.1) Mebêngôkre é o nome da língua falada por duas nações do centro-norte do Brasil, os Xikrin e os Kayapó. O termo Mebêngôkre pertence a estas duas nações. Estão localizados em uma grande área que se estende do norte do Mato Grosso (AI Kapôtjjarina), à região sul do Pará (AI Baú: Mekranotire, AI Mekranoti, AI Kayapó e AI Badjonkôre), desde os afluentes do Rio Fresco (afluente do Xingu) ao leste, até os afluentes do Rio Curuá. A oeste, há alguns Kayapó que vivem no baixo curso do Rio

Iri, na AI Kararaó. Os Xikrin habitam duas regiões descontínuas no Pará: a AI Cateté, situada em torno ao rio homônimo, afluente do Itacaiúnas, que por sua vez tem sua foz no Araguaia, e a AI Bacajá (VILLAS-BÔAS, 2019).

3 Para a autora uma perspectiva dedicada apenas à experiência humana corre o risco de perder de vista a própria interferência de outros seres na própria socialidade humana (TSING, 2018, p. 233-235).

através) da linguagem”, ela constitui também a propriedade daquelas entidades que têm algum grau de “controle sobre seu próprio comportamento, cujas ações no mundo afetam outras entidades e cujas ações são objeto de avaliação” (DURANTI, 2004, p.454). Partindo desse princípio, diferentes seres podem agir através da linguagem ou mediados pela mesma.

Para exemplificar essas agências considero os encontros, desejados ou não, entre ontologias que se conectam no ato comunicativo, reporto-me aos saberes tradicionais e as fontes orais que têm sido vias comunicação e de registro das experiências, transformações e interações entre as multiespécies nas sociedades ao longo do tempo. Sobre a questão do tempo, é importante ressaltar que os sentidos são construídos e deslocados historicamente através da linguagem, Orlandi (2011) baseada nos estudos de Michel Pêcheux, destaca:

Elementos da sequência textual [...] podem ser importados (meta- forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva [...] as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente. (ORLANDI, 2011, p.158).

Sobre o deslocar de referências discursivas historicamente, citarei o caso de uma novela com grande representatividade para o público em diferentes tempos, *Pantanal*. A mesma foi exibida na TV Manchete em 1990 e atualmente tem o seu remake apresentado pela TV Globo. A interface entre a novela e a temática aqui discutida concentra-se na relação entre humanos e não-humanos. No caso do remake em 2022, vemos histórias de amor atreladas a uma determinada “consciência ecológica” amparada na biodiversidade do Pantanal. Como personagens, ressalto a Maria Marruá (Juliana Paes) que se transforma em onça e o Velho do Rio (Os-

mar Prado), um ser encantado que se transforma em sucuri. O enredo apresenta a continuidade de narrativas com a presença de várias vozes que fogem às histórias ocidentais, marcando um passado histórico construído por narrativas indígenas e de povos de matriz africana.

No cenário amazônico, por exemplo, diferentes narrativas contam situações de encontros entre humanos e mais-que-humanos, em alguns casos, esses seres se fundem em um mesmo corpo, seja no ambiente da floresta ou no centro urbano. Sendo assim, lugares, paisagens sagradas, seres encantados, horário sagrado dos rios, animais que protegem as cidades, bem como plantas que curam, cuja aparência e coloração desenharam a enfermidade para que servem, as plantas encantadas que protegem as casas, se transformam em indígena, como o Tajá (*Caladium bicolor*), todos são patrimônios biosocioculturais que fazem parte da história, saberes e memórias dos diferentes coletivos étnicos, do caboclo, ribeirinho ou camponês, demonstrando as diferentes linguagens entre os antepassados e as entidades sencientes (montanhas, água e terra — aquilo que chamamos de “natureza”) (DE LA CADENA, 2018, p.1).

São experiências simbólicas que ocorrem nos entrecruzamentos de diversas histórias em diferentes regiões do Brasil, em menor ou maior grau. Todavia, o que ocorre hoje, é que essas interações, comunicações e justaposições, sobretudo as contadas nas narrativas indígenas estão cada vez mais presentes nas conexões no ciberespaço, enfatizando a importância dessas linguagens, encontros e saberes para sobrevivência e reafirmação de todas as espécies. Nesse sentido, de forma a ampliar debates sobre as interações entre as multiespécies no espaço digital e os fenômenos resultantes dessas manifestações,

viso observar como um locutor Kayapó têm se articulado e usado as plataformas sociais (Facebook), combinando as narrativas ancestrais, que falam de “eus” e “outros”<sup>4</sup>, às ações indígenas no contexto conflituoso e negacionista da sociedade brasileira.

Para isso, uso como fonte de análise duas produções textuais publicadas por Okreãjti Metuktire, conhecido como Patxon, em suas redes sociais. A história de vida de nosso locutor foi descrita no site *raoni.com*:

Eu sou indígena da etnia kaiapó, sou jovem e tenho sonho de ser advogado, ser promotor. Também tenho sonho de ser contador. Ou outro profissional qualquer, desde que seja importante para mim e para meu povo. Pois esses sonhos meus de ser profissional não é para um serviço no meio urbano ou mesmo para eu ser autônomo, assim como o fazem esses profissionais da cidade. Tenho sonho de ser esse profissional, mas para ajudar meu povo indígena, tenho sonho de ser esse profissional para estar junto com meu povo. Defender a causa indígena diante dessa gente interesseira que utilizam as ferramentas políticas para aumentar os seus lucros e o valor de seus patrimônios. Este é meu interesse. Este sim é meu objetivo, a minha missão. (METUKTIRE, 2012).

Okreãjti Metuktire é uma liderança que assim como o seu avô, o cacique Raoni Metuktire, luta pela floresta amazônica. Diferentes ações fazem parte das histórias desses defensores das florestas e das culturas originárias, em especial Kayapó. Neste artigo, minha atenção está voltada para as diferentes produções textuais de Patxon, narrativas que desvelam as multivozes das

florestas. Essa temática proffícuca volta-se na desconstrução e superação de antigas dissensões entre as múltiplas linguagens ligadas aos saberes tradicionais e ao conhecimento hegemônico-universal, que durante anos silenciou e objetificou as ações dos povos originários e dos diferentes sujeitos (não-humanos), colocando-os nos papéis temáticos de objeto ou pacientes da ação do homem.

A chamada virada ontológica nas ciências humanas tem despertado nos pesquisadores e nos diferentes agentes estudos que “descortinam o mundo de outros organismos”, de acordo com Anna Tsing (2019). Algo que até então, tinha sido sufocado pelas insensibilidades do conhecimento universal-ocidental-homogeneizador. Os estudos atuais passaram a se preocupar sobre como os povos originários, coletivos étnicos e as multiespécies se conectam<sup>5</sup> para sua sobrevivência, resistência e recriação, partindo da ideia de que “o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 347).

## O mito e os sujeitos que povoam as mitologias ameríndias

Se quisermos saber algo sobre interação, encontro ou justaposição de histórias “precisamos saber sobre os mundos sociais que outras espécies ajudam a construir” (TSING, 2019, p.128). É fato que os humanos são linguísticos, porém não podemos descartar uma série de outros elementos manifestados pelas multiespécies, sinais que podem ser traduzidos de várias formas quando

4 A ocorrência de “eus” e “outros” marcam a polifonia de vozes ou as formas de referenciar os interactantes de um texto (oral ou escrito) de forma marcada ou não (AUTHIER-REVUZ, 1990). O conceito de heterogeneidade discursiva pode ajudar a desvelar as marcações dos diferentes sujeitos que se relacionam simbolicamente pela linguagem ou multilinguagens no mundo.

5 Entidades dotadas de propriedades específicas que as tornem aptas ou não ao estabelecimento de determinadas conexões (DESCOLA, 2015, p.04).

prestamos atenção a eles. A esse respeito tomamos como exemplo o mito e os sujeitos que povoam as mitologias indígenas para verificar os “eus” e os “outros” que marcam os encontros e os (des)encontros no mundo.

Segundo Lévi-Strauss (2008, p.75), o mito pode ser tratado como modo de comunicação, pois ele “se manifesta como *meta-linguagem*: faz pleno uso do discurso, mas situando as oposições significantes que lhes são próprias num grau maior de complexidade que o solicitado pela língua”. Ainda com o autor, é importante lembrar que os interlocutores dos mitos nem sempre são parceiros uns dos outros no interior de um mesmo sistema de comunicação.

As multilinguagens, portanto, excedem as comunicações de um mesmo código linguístico e o processo de pronominalização ou referência dos “outros” (sujeitos) pode ser marcado de várias formas e entendimentos no texto (mito, rito, narrativa, conto, entre outros). Portanto, cada locutor marcará de alguma forma as vozes “outras” que ocorrem nas interações, pois o discurso de um pode vir a habitar o discurso do outro e vice e versa, na chamada heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1990).

No contexto das interações entre humanos e não humanos, Philippe Descola (2015, p. 08) destaca o tratamento peculiar com que os povos originários se dedicam aos animais: “os animais são, entretanto, considerados pessoas com quem os humanos podem, e devem, interagir de acordo com regras sociais”. Em estudos pretéritos sobre o mito e os personagens que povoam as mitologias ameríndias, Lévi-Strauss (1964, p.19 apud VIVEIROS DE CASTRO 2002, p.355-369) assinala que “o mito fala de um estado do ser onde os corpos e os nomes, as almas e as ações, o eu e o outro se interpenetravam, mergulhados em um mesmo meio pré-sub-

jetivo. Meio cujo fim, justamente a mitologia se propõe a contar”. Segundo o autor, para os povos ameríndios a natureza e a cultura são parte de um mesmo campo sociocósmico (LÉVI-STRAUSS, 1964 apud VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.369).

São justamente nos mitos, nas narrativas, nos léxicos e nas manifestações que podemos encontrar o que os povos originários e seus locutores “outros” se propõem a contar. Não obstante, é importante ponderar que nem todas as espécies, por exemplo, costumam aparecer nessas literaturas, havendo uma certa “hierarquização” entre as espécies/entidades que se interacionam com os humanos nos mitos, ritos ou narrativas.

Viveiros de Castro (1996, p.118) em suas conceituações sobre o perspectivismo ameríndio, ao citar Vilaça (1992) e Arhem (1993) pontua que: “via de regra, todos os animais (além de englobar outros seres); a ênfase parece ser naquelas espécies que desempenham um papel simbólico e prático de destaque, como os grandes predadores, rivais dos humanos, e as presas principais dos humanos”. Podemos citar a onça, a cobra e o jacaré, como espécies que aparecem em grande parte nas narrativas ameríndias.

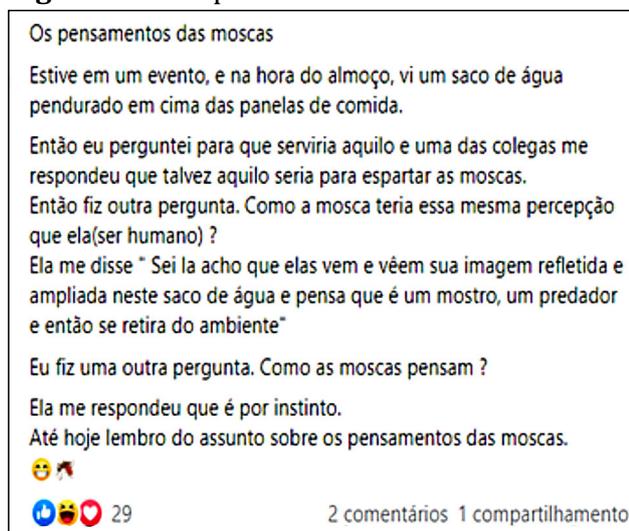
Na própria novela citada, o Pantanal, vemos a presença da cobra e da sucuri, dois predadores e desejo de caça, que independente do povo, sejam eles de línguas da família Jê ou Tupí, aparecem constantemente nas mitologias, festas, homenagens, rituais, nas estéticas corporais, nos grafismos e nas diferentes representações simbólicas dos povos.

Retomando o que nos diz Descola (2015), os humanos podem e devem interagir com os animais. Contudo, nem sempre todas as interações ou encontros são bem vindos, pois cada agente possui “pontos de vista distintos” quando diferentes ontologias se encon-

tram (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.347). Nem sempre existe uma relação amigável ou diretamente relacional entre as multiespécies, ao contrário do emblema máximo da onça e da cobra, destacamos um animal, a mosca, com um papel temático complexo ou quase inexistente nas narrativas indígenas.

## Os pensamentos das moscas

Figura 01 – Os pensamentos das moscas



Fonte: Metuktire (via Facebook), 2021.

O uso de sacos plásticos transparentes com água têm sido uma prática comum utilizada em diferentes regiões e contextos para repelir a mosca doméstica, essa prática está relacionada à incidência de luz em todas as direções no saco plástico. Mas, o que nos chama atenção são as reflexões sobre o comportamento da mosca e o fato delas pensarem ou não. A esse respeito, o autor não nos dá uma resposta concreta se as moscas pensam, usando apenas um *emoticon* de risos para finalizar o texto. Entretanto, se consideramos outras narrativas publicadas pelo mesmo autor e também mitos Kayapó perpetuados por fontes orais veremos que são atribuídos a outros não-humanos de categorias semânticas diferentes, a capacidade do pensar, tais como: estrelas, sol, lua, tatu, onça, peixes e plantas.

Retomando os debates sobre as narrativas ameríndias, é importante considerar as ideias de Viveiros de Castro, (1996):

Uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo — deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos, é profundamente diferente do modo como esses seres os vêem e se vêem. (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.117).

Em relação às moscas, observamos previamente que a relação entre humanos e não-humanos baseada na troca e na reciprocidade, não ocorre com todas as espécies, sendo privilegiados aqueles que desempenham um papel simbólico de destaque, como os grandes predadores e rivais dos humanos ou algumas entidades sencientes. No contexto das moscas, ao que nos parece, as relações e interações ocorrem para requerer o seu afastamento, daí a técnica do saco plástico transparente com água, cabendo o estudo de outras narrativas e mitos para experienciar o seu papel nos encontros pragmáticos entre as multiespécies.

De acordo com Pardini (2020, p. 2), “as sociedades conferem aos animais e às plantas, via de regra, os caracteres subjetivos da pessoa humana: consciência de si, motivações, afetos, capacidade comunicativa e sociabilidade e, com eles, estabelecem relações de pessoa para pessoa”. No caso das narrativas, não é atribuído o caráter subjetivo da mosca ao ser Kayapó. Vejamos uma narrativa na perspectiva do *Kubê* (não indígena) sobre a mosca.

*Mosca na sopa* de Raul Seixas  
Eu sou a mosca  
Que perturba o seu sono  
Eu sou a mosca  
No seu quarto a zumbizar  
[...]

E não adianta  
 Vir me dedetizar  
 Pois nem o DDT  
 Pode assim me exterminar  
 Porque você mata uma  
 E vem outra em meu lugar

Com um propósito contextual, Raul Seixas (Raulzito) se concentra no entrecruzamento de histórias enfatizando o papel de um inseto indesejável. O referido animal permeia as vozes das inquietações/insatisfações contra a ditadura militar no disco Krig-há, Bandolo de 1973. No contexto da poesia marginal da década de setenta, a música mosca na sopa surge com um protagonismo anti-heroico ou predador, e representa tanto o narrador como qualquer outro (humano ou não-humano) que não se adequava ao contexto social da época.

A música fala da mosca que perturba, tira o sono e causa danos pela sua presença, por isso ao longo do tempo diferentes civilizações têm criado estratégias para manter o animal distante dos alimentos, dos espaços sociais e eventualmente das narrativas, a não ser em casos temáticos de morte, caos, conflitos, guerras ou nos encontros pragmáticos, como as narradas por Okreãjti Metuktire.

Por outro lado, o zumbizar da mosca ganha novos sentidos quando é atribuído às inquietações da ditadura militar e aparece em discursos outros. Como ressalta Authier-Revuz (1990) o sujeito é uma figura descentrada e suas palavras são ditas a partir de outras palavras ou discursos já ouvidos. Portanto, o dizer de um sujeito é atravessado sempre pelo discurso de outrem. No caso da música, vemos o zumbizar do “outro” no discurso de “um”.

Extraindo do “trágico das extinções” que se proliferam pela biosfera (TSING, 2019), podemos verificar nas moscas um papel

central no modo de ocupar “as ruínas” e “habitar lugares desmantelados”, como no incômodo e na crítica à ditadura militar no Brasil. Nesse caso, não podemos dizer que existe uma comunicação direta entre as partes, pois tanto o Raulzito como a mosca possuem trajetórias e temporalidades distintas que se harmonizam em uma sintonização particular, na música e na poesia marginal da década de setenta (HOLLIVER, 2020).

Aproveito o contexto da mosca para traçar um paralelo com alguns conceitos de Anna Tsing (2019), relaciono o papel das moscas com o ensaio bibliográfico *viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*, em que os mais-que-humanos lutam nos “destroços e regeneração, extinção e sobrevivência, poluição e adaptação, demolição e reconstrução” (2019, p. 162). Aqui, podemos dizer, que incluímos alguns agentes “menores” que nos permite vislumbrar outros mundos e multilinguagens possíveis (2019, p. 217).

A mosca doméstica, *Musca domestica L.*, é uma espécie cosmopolita. Sua dispersão e distribuição pelo mundo foram favorecidas por ter a capacidade de se adaptar às transformações do ambiente natural e proliferar tanto no meio urbano quanto no meio rural. Nas cidades, infestam residências e locais de trabalho, causando incômodos e danos à população (GRÜTZMACHER & NAKANO, 1997). Essas características da mosca talvez justifiquem a sua ausência nos mitos e rituais ameríndios.

Não conecto diretamente o papel das moscas ao conceito de “antropologia da destruição” ou “da morte” apenas pelo fato desse inseto se adaptar e lidar com mudanças climáticas, devastação, ruínas e paisagens (HOLLIVER, 2020). Em relação ao post sobre *Os pensamentos das moscas*, observo o entrecruzamento de vozes para dissertar

sobre os incômodos das moscas e a capacidade de consciência expressa no zumbizar ou nas formas de ludibriar as armadilhas de afastamento com o uso do saco plástico.

Seguindo a tentativa de observar como humanos e não humanos podem interagir, destacamos a narrativa de Tàkàk, publicada por Okreãjti Metuktire.

## O Júpiter para os Kayapó

Figura 02 – O Júpiter para os Kaiapó

O Júpiter para os Kaiapo.

A muito tempo atrás os Ngokréjé eram vítimas de uma ave enorme que capturava os caçadores, crianças e senhoras. Uma dessas vítimas era uma senhora cujo os netos viram a sua avó sendo presa nas garras da ave e levada até à copa das árvores. Os dois meninos foram preparados, na água de um rio, pelo pai para crescerem o mais alto que pudessem para vingar a avó.

Eles cresceram e após vingar a avó deles, descobriram várias coisas entre elas o choro tradicional praticado até hoje pelos Ngokréjé. A amizade formal também foi inventado por eles, que é semelhante ao tratamento que há entre os cristãos que é Cumpadre e Cumadre, esta amizade não é amizade comum mas especial.

Nesta época quando fizeram uma festa que chamam de Tàkàk, também praticado até hoje, eles cantaram músicas novas e uma dessas músicas é sobre uma estrela que chamam de nome comum de Majjryti. Na música o nome próprio desta estrela Majjryti é Tàkàk-no-mej-ti que significa Tàkàk de olhos lindos e brilhantes. Esta música também é cantada até hoje nestas festas de Tàkàk.

Bom, a estrela na verdade é um dos planetas do nosso sistema solar, o Júpiter. A estrela que brilha mais forte que as outras.

Até hoje os meninos que recebem homenagem nestas festas Tàkàk tem seus nomes com essas iniciais e completado com alguma características que resulta em um nome Tàkàk\_\_\_\_\_.

Herdamos esta história do nosso povo atualmente conhecido como Mé-Bê-Ngòkréjé), o meu povo, a minha etnia.

Fonte: Metuktire (via Facebook), 2020.

O texto publicado, além de possibilitar visibilidade ao entendimento de mundo Kayapó, também demarca seus posicionamentos perante os *kubē* (não indígenas). É importante mencionar que as expressões Kayapó têm saído do campo da oralidade e alcançado as redes sociais como manifestações “identitárias ou étnicas”, tornando-se um elemento ou gatilho para a asseguarção de direitos básicos, tais como autonomia e respeito.

Na publicação de Okreãjti Metuktire (2020), podemos observar uma narrativa que desvela o ponto de vista Kayapó sobre um dos elementos do sistema solar: Júpiter.

Assim, como em outras histórias, os elementos do universo aparecem nas relações diretas entre humanos e não-humanos.

Da história da estrela podemos identificar alguns referentes Kayapó, como: o choro tradicional, a celebração de uma amizade especial, a festa de *Tàkàk*; a música da estrela *Majjryti*; e o ritual de nomeação *Tàkàk*, através do acréscimo de outros nomes ou sufixos (que apresente outras características do indivíduo nomeado) à base lexical *Tàkàk*. São histórias herdadas que agora estão sendo contadas no Facebook.

Assim, tanto o conjunto de códigos de uma língua, bem como as multilinguagens expressam a história, as crenças e a cosmologia de diferentes pontos de vista, além de ser instrumento de defesa, de posições éticas, de manifestações contracoloniais, ações e resistências. Apesar do glotocídio vivido pelos povos originários no Brasil, esses povos não assistiram ou ficaram estáticos ao processo de colonização europeu, diferentes atitudes linguísticas foram e ainda são tomadas para a manutenção e sobrevivência das suas línguas e culturas, como as publicações de narrativas Kayapó.

## Interações entre as multiespécies e os fenômenos resultantes dessas manifestações nas redes sociais

O modo como Okreãjti Metuktire tem usado as plataformas sociais para suas interações e manifestações discursivas, torna os espaços virtuais como o Facebook lugares de lutas, agências e resistências, além de também permitir ao leitor atento perceber outras vozes e sujeitos nos discursos. Essa abordagem “parte da produção de novos espaços sociais e de novas experiências subjetivas” que derivam da existência de um ciberes-

paço social (FREITAS, 2018, p.02). Um campo rico de possibilidades analíticas por ser composto de múltiplos e diversos espaços de onde emergem polifonias.

Okreãjti é um escritor indígena, da oralidade ao Facebook, apresenta um estilo pessoal de comunicar os saberes de seu povo aos leitores, usa relatos autobiográficos descritos ortograficamente em português e Mebêngôkre para contar histórias, esclarecer informações sobre o modo de pensar Kayapó, divulgar eventos, falar sobre os anciões das aldeias, da sua língua indígena, das músicas Kayapó, como do Forró NB, entre outros assuntos pertinentes a participação e à garantia dos direitos indígenas.

As expressões das agências indígenas nos dias atuais ocorrem em diferentes campos e áreas, apesar dessas manifestações parecerem algo novo, o protagonismo indígena se constituiu ao longo de diferentes processos sociais nos quais os grupos estão inseridos. No caso dos meios de comunicação indígena, temos diferentes exemplos de mobilizações marcados para superar homogeneizações comunicacionais e colonizadoras.

A Rádio Yandê<sup>6</sup>, por exemplo, é a primeira web rádio indígena do Brasil, inspirada em pensadores, como Ailton Krenak e fundada por intelectuais indígenas. Foi construída teoricamente nos conceitos de etnomídia e etnomídia indígena. Conforme a jornalista Renata Tupinambá (2016), “etnomídia é uma ferramenta de empoderamento cultural e étnico, por meio da convergência de várias mídias [...], podendo ser executada por diferentes identidades étnicas e culturais”. Já a etnomídia indígena consiste na

comunicação feita pelos indígenas para os indígenas a partir de suas próprias práticas e conceitos culturais, daí a sua importância (TUPINAMBÁ, 2016).

Os conteúdos da Rádio Yandê e as produções de Okreãjti Metuktire têm em comum o uso do ciberespaço como vias comunicativas e expressivas para promover o fortalecimento, reconhecimento, visibilidade e respeito aos povos originários. Além disso, as ferramentas digitais alternativas e seus diferentes recursos linguísticos são usadas para romper com estereótipos vinculados pelas mídias oficiais.

A imersão nas plataformas sociais por meio da etnografia digital e da leitura de produções textuais de alguns locutores indígenas permite desvelar a presença de outras vozes (humanas e não humanas). Nesse sentido, os textos além de materialização do pensamento, marcam as diferentes vozes, dada a sua polissemia, em um movimento dialógico com o meio físico e os espaços da floresta, da aldeia ou do céu, como foi observado em Tàkàk. Portanto, o caráter interacional da linguagem e da constante auto-organização cultural e linguística garante a existência e resistência dos povos originários no encaminhamento das políticas culturais dos indígenas e para os indígenas em conformação a cada momento de sua existência (CARNEIRO DA CUNHA; CESARINO, 2014).

De tal modo, as narrativas e interações entre as espécies no ciberespaço ocorrem pela mediação de escritores/autores indígenas, que ao mesmo tempo, atuam na defesa dos direitos indígenas e trazem para os debates virtuais as formas como humanos e não humanos se relacionam com o mundo, mesmo em tempos históricos pretéritos.

Essas formas de narrar e se posicionar nos reporta às reflexões de Davi Kopenawa, no livro *A queda do céu: palavras de um*

6 A Rádio foi criada em 2013 por Anápuáka Tupinambá, Renata Tupinambá e Denilson Baniwa com o intuito de valorizar a cultura, arte, música, educação, língua, filosofia e história indígena (TUPINAMBÁ, 2016. Rádio Yandê - Disponível em: <<https://radioyande.com/>>.

*xamã Yanomami*, o pensador ativista político yanomami com a coautoria de um francês, disserta para os não indígenas e deixa o seu recado sobre a destruição do planeta. Nos capítulos que compõem o livro, Davi Kopenawa descreve a cultura ancestral, a situação atual do seu povo, a origem mítica, a dinâmica invisível do mundo, as monstruosidades da civilização ocidental e as previsões futuras para a humanidade a partir do ponto de vista indígena e da incapacidade do “homem máquina” de compreender a floresta e a “natureza mítica das coisas” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.12-13).

Nessas produções os autores trazem para as zonas textuais seus conhecimentos de mundo, a fim de resistir e conscientizar o “branco” da destruição das florestas e consequentemente do planeta. São abordagens que resistem “à total dissolução pelo liquidificador modernizante ocidental” e se defende das ações e discursos de um progresso marcado na destruição dos saberes, das florestas e dos coletivos étnicos (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.15).

Para melhor ilustrar esses fenômenos consideramos o caso de eventos políticos recentes na América Latina, como no Peru, no Equador e na Bolívia, estudados por Marisol De La Cadena (2019, p.01), em que a política praticada pelos povos indígenas para fazer prevalecer seus direitos culturais tem sido classificada como “política étnica”.

Segundo De La Cadena (2019, p.01), para o movimento indígena popular a noção de indigeneidade está relacionada a uma formação histórica que excede a noção usual de política tais como conhecemos, pois, seus princípios fundamentam-se na cosmopolítica de diferentes grupos, ressaltando a importância da natureza para a sobrevivência das espécies, em diferentes lutas, como, por exemplo, posições antiminação.

Para além da “política étnica”, os movimentos indígenas atuais propõem uma prática política diferente e plural, pois têm evocado entidades sencientes, tais como: montanhas, água, floresta, estrelas e terra, elementos da “natureza”, para o interior da arena política. São modos de ver o mundo que certamente interferem na interpretação do presente e no antever (ou mesmo prescrever) o futuro (OLIVEIRA, 2016, p.10), como veremos nas análises a seguir.

A esse propósito também destacamos que além da arena política, os não humanos estão presentes nas diferentes produções textuais indígenas, como as de Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Mokuká Kayapó e Okreãjti Metuktire. Sobre o acesso à justiça de povos indígenas na América, Ailton Krenak (2019), em *Ideias para adiar o fim do mundo*, desvela o olhar de um escritor, ambientalista e liderança indígena que teve seu território de origem profundamente afetado pela atividade de extração de minérios. Em suas disposições conceituais, o autor chama atenção para o rompimento da distinção entre terra e humanidade, pois para ele “tudo é natureza. O cosmos é natureza”, vejamos:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”. (KRENAK, 2019, p.10).

A serra narrada por Krenak tem cara, expressa se o dia vai ser bom ou ruim, apresentando uma linguagem específica para aqueles que conseguem entender. Observo os textos/narrativas dos mediadores indígenas como um complexo de diferentes vozes e ações discursivas no tempo e no espaço (físico ou virtual).

Como tal, os textos têm sido registros históricos das mudanças e adaptações de um povo, como os Kayapó. As narrativas provêm da necessidade de produção, armazenamento, expressão, transmissão e reelaboração dos conhecimentos sobre os sujeitos e o meio físico. Neste contexto, não só os Kayapó como os diferentes locutores indígenas têm acompanhado as profundas mudanças, fenômenos geopolíticos e a reorganização sociais, tornando as publicações nas redes sociais lugares de manifestações, resistências e lutas contra as mazelas da colonialidade, sobretudo no Brasil, que se constituiu historicamente pelo glotocídio dos povos originários e afrodescendentes.

## Considerações finais

As interações entre as multiespécies narradas por Okreãjti Metuktire no Facebook, sobretudo em *O Júpiter para os Kaiapo*, acionam experiências salvaguardadas por seu povo, o que permite ao leitor relembrar histórias contadas por seus avoengos (avós, bisavós e tetravós) através de acionadores de memória que reverberam as ontologias dos antepassados e de não humanos nos diferentes espaços (físicos e virtuais).

Por isso, ressalto que as narrativas e expressões indígenas são formas de registrar e contar as histórias e interações entre um povo e outros seres. Nesse contexto, tanto *O pensamento da mosca* como *O Júpiter para os Kaiapo* desvelam o papel da linguagem como episteme de fala e ato cosmolinguístico, são

expressões que a partir de seus autores vêm adaptando as mais variadas adversidades, formas e ferramentas de interação para manutenção dos repertórios biosocioculturais, saberes e posicionamentos étnicos.

Como ressalta Davi Kopenawa:

Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os xapiri, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca. As palavras da ecologia são nossas antigas palavras, as que Omama [o demiurgo yanomami] deu a nossos ancestrais. Os xapiri defendem a floresta desde que ela existe. Semper do nunca lado de nossos ancestrais, por isso a devastaram. Ela continua bem viva, não é? brancos, que antigamente ignoravam essas coisas, estão intimamente a entender as coisas. [...] Somos habitantes da floresta. Nascermos no centro da ecologia e lá crescemos. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.16).

Dessa forma, acredito que as manifestações indígenas não somente contam as suas histórias, mas revelam trajetórias outras, servindo a aqueles que lhe transformam em ação, em agência, força e resistência. Por isso, reiteramos a urgência da sociedade conhecer, entender e respeitar o que os povos originários têm a nos dizer, pois suas narrativas e conhecimentos são resultado de anos da interação entre esses povos e os mais-que-humanos. São conhecimentos sobre as diferentes formas e organizações sociais, com a participação ativa de diferentes sujeitos, tais como: sol, lua, estrelas, onça, cobras, serras e rios.

## Referências

ÂRHEM, K. "Ecosofia Makuna". In: F. Correa (org.), *La Selva Humanizada: Ecología Alternativa en el Trópico Húmedo Colombiano*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología/Fondo FEN Colombia/Fondo Editorial CEREC, 1993.

- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n.19, p. 25-42, jul./dez, 1990.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem 6ª ed. Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.; CESARINO, P. N. **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.
- CUNHA, A. A. **Estudos de Enunciação**. — Belém: EDUFPA, 2007.
- DURANTI, A. **Agency in Language**. In: A companion to linguistic anthropology. Malden, MA: Blackwell Pub, 2004.
- DE LA CADENA, M. **Natureza incomum: histórias do antropocego**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Cosmopolítica indígena nos Andes: Reflexões conceituais para além da “política”**. 2.ed. Maloca: Revista de Estudos Indígenas, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/13404>. Acesso em: 12 de jan. de 2021.
- DESCOLA, P. **Além da natureza e cultura**. Tesituras, v. 3, n. 1, 2015.
- FREITAS, E. T. **Dossiê temático: Etnografia digital**. Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41882>. Acesso em: 05 de jun. de 2021.
- HOLLIVER, G. **Uma antropologia que dança: algumas notas sobre paisagens de conceitos em Anna Tsing**. Anuário Antropológico [Online], v.45 n.3. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.6653>. <<http://journals.openedition.org/aa/6653>> Acesso em: 10 janeiro 2022.
- GRÜTZMACHER, A. D; NAKANO, O. **Comportamento da mosca doméstica, Musca Domestica L., em Relação ao Uso de Saco Plástico Transparente Contendo Água**. An. Soc. Entomol. Brasil, 26(3), 1997.
- IZARD MARTÍNEZ, G; FLORES MARTOS, J. A; MARTÍNEZ MAURI, M. **Mediaciones indígenas en el espacio audiovisual: películas, series y videoclips**. Disparidades. Revista de Antropología [Online], 76(2), e015d, 2022. Disponível em: <<https://dra.revistas.csic.es/index.php/dra/article/view/900?fbclid=IwAR0USBj7eJUvK-L-qmtLCDcFp95qdqlOnQiq4ZWL5sUs2kUD-SsiC-vxoP0Ro%3E>>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Mythologiques**. 4 vols. Paris: Plon, 1964–1971.
- LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos [1955]. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo, Cosac Naify, 2008 [1958].
- LIMA, T. S. **Para uma teoria etnográfica da distinção natureza e cultura na cosmologia juruna**. RBCS, vol 14, n. 40, 1999.
- METUKTIRE, O. P. **BGE. Indígenas precisam de alternativas**. Colider-MT, 2012. Disponível em: <<http://raoni.com/atualidade-374.php>>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.
- \_\_\_\_\_. **O Júpiter para os Kaiapo**. Publicado em: 06 de dez de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/PatxonMetuktire/posts/3536897173053149>. Acesso em: 19 de jan. de 2022.
- \_\_\_\_\_. **Os pensamentos das moscas**. Publicado em: 13 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/PatxonMetuktire/posts/3966237866785742>. Acesso em: 19 de jan. de 2022.
- OLIVEIRA, J. P. de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. (Trad. Eni Pulcineli Orlandi). 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- PARDINI, P. **Amazônia indígena: a floresta como sujeito**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 15(1), 2020. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0009.

SALANOVA, A. P. **A nasalidade em Mëbêngôkré e-Apinayé; o limite do vozeamento soante**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, do Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2001.

SEIXAS, Raul. **Mosca na sopa**. Álbum Krig-ha, Bandolo!. Rio de Janeiro. Philips Records, 1973. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=uILahrIRiMA&ab\\_channel=AcervoMusical](https://www.youtube.com/watch?v=uILahrIRiMA&ab_channel=AcervoMusical)>.

TUPINAMBÁ, R. M. **Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários**. Brasil de fato. Publicada em: 11 de ago. de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>.

TSING, A. A multispecies ontological turn? In: OMURA, Kei'ichi; MASASHI, Cho Shun No; MASAHIKO, Cho Kusumi (Eds.). **The world multiple: the quotidian politics of knowing and generating entangled worlds**. New York: Routledge, 2018.

\_\_\_\_\_. Viver nas ruínas: **paisagens multiespécies no antropoceno**. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VILAÇA, A. **Comendo como Gente: Formas do Canibalismo Wari' (Pakaa Nova)**. Rio de Janeiro: Anpocs/Editora UFRJ, 1992.

VILLAS-BÔAS, A. J. A. (Coord.). **Diagnóstico da efetividade do fundo Kayapó na melhoria da qualidade de vida do povo kayapó e na gestão e integridade de seus territórios**. Instituto Socioambiental - São Paulo, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. *Mana*, vol.2, n.2, 1996.

\_\_\_\_\_. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**. In: *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: COSACNAIFY, 2002.

*Recebido em: 09/05/2022*  
*Aprovado em: 25/05/2022*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.